

INQUILINOS REVOLTADOS COM DEGRADACAO DAS 'MALVINAS'

ANDRÉINA FERREIRA
aferreira@dnnoticias.pt

É um problema que perdura há vários anos e que tem vindo a intensificar-se nos últimos tempos. O Bairro da Palmeira, vulgo 'Bairro das Malvinas', em Câmara de Lobos, parece agora "votado ao abandono".

Prova disso, são os sinais de destruição que chamam a atenção de quem por lá passa e que têm causado alguma revolta nos moradores que admitem temer pela própria segurança, ansiando uma intervenção por parte do Governo Regional.

Vidros partidos, portas danificadas, muros de suporte que ameaçam ruir e paredes com fendas é o retrato que sobressai deste bairro social, tutelado pela Investimentos Habitacionais da Madeira (IHM).

As coberturas de amianto, prejudiciais à saúde, têm sido também motivo de preocupação para alguns destes inquilinos, assim como a falta de um recinto ou jardim onde as crianças possam ter o seu espaço para brincar nos tempos livres.

Bairro "ao Deus dará desde o tempo de Alberto João Jardim"
Embrulhada numa manta, sentada numa janela sem vidro num corredor do bloco seis, Conceição Teles, de 67 anos, garantiu ao DIÁRIO não ter condições financeiras para investir na recuperação da sua "casinha".

A mulher afirmou que "sempre foi assim" e que o bairro anda "ao Deus dará desde o tempo de Alberto João Jardim".

Disse ainda que todos os dias teme que "haja uma desgraça", essencialmente devido a uma muralha com aproximadamente oito metros, construída em frente ao seu bloco, onde na parte superior existe um amontoado de terra com algumas pedras que caem para o terreno, ameaçando quem lá reside.

"Ainda esta noite [madrugada de quarta-feira] um cão caiu nesta muralha e partiu uma pata. Mas o pior é se caem pessoas ou se levamos com uma pedra na cabeça quando estamos a sair de casa", contou, recordando que há alguns anos uma viatura ligeira também saiu de estrada neste local.

A inquilina, que reside neste bairro há mais de 30 anos, diz já ter pedido às entidades competentes para construir um muro mais alto ou uma varanda para evitar estas situações, mas garante que até ao momento "o Governo nada fez".

"Quando vem a chuva forte a terra vai caindo para o quintal. Só com a chuva que caiu nesta terça-feira acarrei três baldes de terra que poderiam ter sido fatais se alguém estivesse a passar por ali nesse momento", concretizou.

Enquanto observava os automóveis que circulavam naquela estrada, Conceição Teles queixou-se ainda da falta de segurança no prédio, uma vez que os vidros das portas de entrada e das janelas encontram-se partidos,

Vidros partidos, portas danificadas, muros de suporte que ameaçam ruir e paredes com fendas. É este o retrato que sobressai neste bairro social

segundo ela, "destruídos por pessoas de fora do bairro, que jogam pedras essencialmente durante a noite". Para "remediar" esta situação, diz ter colocado tábuas de madeira nas janelas inferiores, de forma a evitar possíveis quedas por parte das várias crianças que ali brincam.

"Vou morrer e não fazem nada aqui", disse ainda, enquanto aconchegava o cachecol para tapar o frio que entrava pela janela.

E acrescentou: "Nem pintar se eles pintam. Às vezes passam aí para tirar fotografias mas não fazem nada. É só para enganar as pessoas e calá-las durante algum tempo".

"Nós também somos pessoas"

Um pouco mais acima, junto à estrada de acesso aos apartamentos mais recentes, José Marcelino, residente no bloco 28, também mostrou o seu desagrado com a situação, pedindo uma "intervenção urgente".

O morador, de 44 anos, garantiu que quando não está por perto recebe as cartas pelos vizinhos, afir-

mando que "nunca existiram caias de correio nos blocos mais antigos".

Enquanto descia pela estrada com o guarda-chuva na mão, denunciou outras situações que lhe têm "tirado o sono", nomeadamente os blocos de betão armado que há cerca de dois anos foram colocados junto às muralhas, "com o intuito de segurá-las, evitando que caiam aos bocados".

"Dizem que fazem uma coisa e na hora da verdade fazem outra", interrompeu uma idosa que passava no local.

De lenço na cabeça e avental, a mulher, que preferiu não ser identificada, admitiu estar muito revoltada com a situação e ameaçou não voltar a pagar a renda até que a situação seja regularizada.

"Se o meu marido fosse vivo eu já tinha caminhado daqui. É uma vergonha. Nós também somos pessoas", sublinhou enquanto descia o beco, acrescentando que em tempos uma das suas filhas partiu uma perna porque escorregou nas escadas que estão "todas partidas".

"O cenário está à vista de todos"
Além de todos estes problemas que afectam esta infra-estrutura um dos primeiros bairros sociais construídos na ilha da Madeira -, há também quem se sinta incomodado com as portas dos vários contadores de água e luz que ameaçam partir-se a qualquer momento.

Preocupada, uma mulher que se encontrava a bordar logo acima, junto a uma janela, apenas abanou a cabeça, enquanto observava tal degradação. Acarinhou um cão que subiu as escadas para se abrigar da chuva que se fazia sentir no momento e disse apenas que "o cenário está à vista de todos".

Posto isto, foi embora. O bairro ficou deserto, com a aparência de um local abandonado, vazio e à espera melhores condições.



Blocos de betão usados para proteger o litoral da erosão seguram as muralhas "evitando que caiam aos bocados".

